Avenida Sete de Setembro II - Entre a Getúlio Vargas e Joaquim Nabuco - Lado Direito (Carmelia Esteves de Castro)



E o Cine Guarany tombou, transformando-se em escombros. Originalmente, Cine Olympia, depois Cine Teatro Alcazar, de estilo arquitetônico inspirado no Oriente (Mouro/Mourisco) e somente, muito tempo depois, Cine Teatro Guarany. Localizado na confluência da Rua Leovegildo Coelho (Intendente Municipal) que dá prosseguimento para a atual avenida Getúlio Vargas, com a Rua Municipal (hoje Av. 7 de Setembro).

Sob a última denominação (Cine Teatro Guarany, cujo último proprietário, Adriano Bernardino, tendo na gerência, o Vovô Vasco, da garotada dos agora na faixa de 50 anos, dia 6 de agosto de todos os anos, as 6h da manhã era saudado com salvas de fogos de artifício, e entoada a ópera "O Guarany" (do maestro Carlos Gomes), com "Cinema ao Ar Livre" (com tela, bem alta, montada no Pina, espaço de efervecência cultural e política, que dividia a rua em duas mãos), Matinal às 9h para o público infanto-juvenil e Matinê das 13h, para o juvenil, bem como o das 16h para os mais velhos, além da sessão de gala às 20h para o público adulto. O "Cinema ao Ar-Livre", reunindo centenas de aficcionados (pelo Cinema e pelas películas), começava às 19h, indo até às 19h e 30min. Aí eram apresentados, via de regra, desenhos animados do tipo "Tom e Jerry" e "Lady e o Vagabundo", possivelmente responsáveis pelos inúmeros romances e enlaces matrimoniais que se dissolveram ao longo do tempo ou se perpetuaram até nossos dias.

Na Matinal e Matinê das 13h, eram distribuídas centenas de brindes, miniaturas de sabonetes e pasta de dente, até revistas infantis, passando por balões e bombons – rapidamente substituídos por chicletes, devidamente mascados e pregados nos cabelos compridos das menininhas (maldade "curtida" intensamente pelos meninos da época). Agora, o espaço é ocupado pelo Banco Itaú, a revelia dos movimentos intentados pelos distintos segmentos sociais: intelectuais de todas as áreas do conhecimento humano, estudantes e o seu público final, os párias: prostitutas, homossexuais, desocupados, mendigos... Estes últimos, de acordo com a vertente de caracterização do Patrimônio Cultural, não oficial, movidos pela afeição, quando de sua derrubada, sem desprender nenhum fragmento, aplaudiam. Quando no entanto, o primeiro grande bloco se soltou, salientes, encetaram a marcha fúnebre do desespero e da impotência, pela perda do referencial cultural.

A seguir do Guarany, pelo lado direito, foco deste texto, existiu, primeiramente um Restaurante Campestre de propriedade do imigrante português, Jaime Fernandes e de sua esposa Javiera Fernandes, que ofereciam pratos da comida regional (de seus países de origem) e local (do Amazonas). A par do Restaurante, mantinham, ainda, uma loja de

móveis de 2ª mão, ou seja, usados de qualidade e extremo bom-gosto, onde se encontravam, objetos valiosos, adquiridos por preços acessíveis ao grande público. Posteriormente, esta área, de propriedade da família do Comendador J.G.Araújo (Joaquim Gonçalves Araújo), desmembrada, um pequeno espaço que foi alugado para um funcionário da Polícia Civil, Sr. Jaime Rodrigues, cuja esposa, mais conhecida como "D.Zita" implantou a venda de "quitutes" regionais, incluindo o famoso "tacacá" paraense. No corpo principal, foi instalada uma loja de tecidos, pelos irmãos Rebello. Agora, as duas construções apresentam em seu frontão o nome de "Sport Line Nell", fabricante e venda de material (roupas e equipamentos) esportivo e escolar.

Na seqüência, um terreno, tendo, na porção voltada para a rua, um galpão utilizado como depósito da Loja Rebello e na porção mediana para a final do terreno, numa construção regional, de madeira, assentada sobre "pilotis", cedida para a Viúva Raimunda dos Santos. Atualmente, deu lugar ao "Ponto dos Sucos" e a uma loja de material de construção-hidraúlica e elétrica. Logo em seguida, numa das casas geminadas, atualmente habitada pela Sra. Mirna Quinzen Rodrigues, na parte superior, no térreo, se encontra outra loja da família, a "Foto Nascimento". Esta casa construída originalmente por um dos irmãos Levy (Benjamin) e foi posteriormente vendida para Dom Frederico Jaña, de origem peruana, rico proprietário de terras, algumas das quais, as fazendas: São José e Santo Antônio do Amatari (atual).

Com o passar dos anos esta casa foi adquirida pelo advogado Virgílio de Barros, avô da jornalista Baby Rizzato que, algum tempo depois, transferiu-se para o Rio de Janeiro e a vendeu para Antônio Rebelo, que pouco tempo depois mudou-se também para o Rio de Janeiro, alugando o imóvel para terceiros. O piso superior, para a família Norões – Lemos (o Professor de Geografia, Sebastião Norões e da irmã do Professor, a tia Glorinha da garotada e seu cônjuge, Torquato Lemos, fiel escudeiro do Governador Arthur César Ferreira Reis). O piso térreo por sua vez, foi alugado ao emérito professor de português, poeta – Farias de Carvalho (Carlos Farias Ouro de Carvalho), que declamava suas poesias, principalmente "Baú Velho", enquanto eu, dedilhava ao piano, na sala dos professores do Colégio Pedro II (Ginásio, Estadual...), um noturno qualquer de Chopin. Poema este constante de livro seu, publicado pelo Clube da Madrugada e devidamente "cremado" numa de suas intermináveis desavenças com sua esposa Dadi (Odair Pimenta de Carvalho). Ainda habitando o "porão" do Norões, numa outra "briga" e conseqüente "pazes" na "sala verde" como sua primogênita (Graça Pimenta – Maria das Graças Pimenta de Carvalho) a denominava, a "Sala de Visitas" da minha casa, foi declamada a obra prima da Farias de Carvalho, de joelhos, "Noturno, quase canção, quase começo de inverno", dedicada para a mulher e filhos ("... nós dois, nós cinco, sem noção de tempo algum passando..."). "Noção" presente e muito sentida. Farias se muda e o piso térreo é alugado pela D.Zéfa, Mestre Pedro e seus filhos, uma das quais, foi professora de reforço da minha caçula.

A casa geminada, construída pelo outro irmão Levy (Jacó), de mudança para sua terra natal, Paris, serviu de Escola particular, abrigando alguns alunos do interior, mas não teve vida longa e foi vendida para o industrial Alfredo Alves Pereira de Castro, para presentear sua esposa, Arminda Esteves de Castro, sobre a qual voltaremos a falar na Série Memória intitulada Avenida Sete de Setembro III.

Ao lado desta, num terreno de grandes dimensões encontrava-se instalada uma "Estância" (no sentido português), que apesar de abrigar pessoas de poder aquisitivo de

baixa renda eram extremamente bem-educadas e sociáveis. Entre as moradoras, D. Isabel, quituteira, inigualável, que além de manter uma "banquinha" para a comercialização de suas iguarias, quando acontecia uma festa, numa das casas das redondezas ou alhures, era a responsável pela elaboração da comida oferecida.

Hoje em dia, encontram-se instalados, neste espaço, o prédio do empresário, já falecido, Walter Esteves de Castro, e outro do empresário também, falecido José Grosso. Agora, O 1º prédio permanece fechado e o 2º, com maior disponibilidade de andares, alugado, abriga o SERASA e a Agência do Banco Real.

Colado a este, originalmente um muro, seguido de um terreno, que servia de local de despejo para o Bar da esquina, o Bar do Sombra, que tornou-se propriedade do genro do proprietário anterior, o qual, com sua morte, foi remodelado, passando a abrigar, na parte superior (1º piso), os apartamentos de dois de seus herdeiros, Zeca e Toninho, além de outros que foram alugados. No térreo, embaixo do apartamento maior, o do Zeca, funcionou por muito tempo, a Lavatex, uma das primeiras lavanderias instaladas em Manaus, além de várias outras lojas; de caldo-de-cana, de música (a Discolândia, que depois atravessou a rua e se instalou onde hoje está o Hotel Sombra), dentre outras. Na esquina, o FRICARNE. Atualmente, tanto em cima, no piso superior, quanto no térreo, servem a outras finalidades. Só o FRICARNE, continua a ser um açougue alugado pela família Bayma. Mesmo sabendo que o tempo é inexorável, continuo a ver/sentir as mudanças ocorridas neste trecho, de uma das artérias públicas, mais movimentadas da cidade, palco de grandes e profundas transformações.

(*) Carmelia Esteves de Castro é Escpecialista em História pelo CADES-MEC, exerceu Magistério no Colégio Dom Pedro II e IEA e Direção e Vice-Direção no Colégio Comercial Ruy Barbosa e Colégio Comercial São Luiz Gonzaga, respectivamente.

Foto: Hamilton Salgado.



Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura

